

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

A escola transforma a sociedade?

uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Resumo: Este artigo apresenta uma breve leitura do papel da Educação escolar na sociedade contemporânea. Para tanto, parte-se do seguinte questionamento: a escola é capaz de transformar a sociedade ou se coloca como um instrumento de conservação social? A partir desta perspectiva, busca-se analisar a natureza social da Educação, seus interesses reais e como ela se configura no contexto capitalista. Como aporte teórico, são usadas as contribuições, sobretudo, de Émile Durkheim, Louis Althusser e Pierre Bourdieu. Em linhas gerais, observa-se que a escola está a serviço de um Estado de caráter burguês, cujo objetivo maior é defender os interesses das classes dominantes em detrimento dos interesses populares. Neste propósito, a escola limita-se a preparar o aluno para executar funções de ordem técnico-operacional em um determinado posto de trabalho, contribuindo, então, para a permanência e reprodução da lógica do capital.

Palavras-chave: Educação escolar; Conservação social; Lógica do capital.

DOES THE SCHOOL TRANSFORM SOCIETY? A READING FROM DURKHEIM, ALTHUSSER AND BOURDIEU

Abstract: This article presents a brief reading of the role of school education in contemporary society. Therefore, it starts with the following question: is the school capable of transforming society or is it an instrument of social conservation? From this perspective, we seek to analyze the social nature of Education, its real interests and how it is configured in the capitalist context. As a theoretical contribution, studies are mainly used by Émile Durkheim, Louis Althusser and Pierre Bourdieu. In general, it is observed that the school is at the service of a bourgeois state whose main objective is to defend the interests of the ruling classes at the expense of popular interests. In this purpose, the school is limited to preparing the student to perform technical-operational functions in a given job position, thus contributing to the permanence and reproduction of the capital's logic.

Keywords: Schooling; Social conservation; Capital's logic.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu*Fábio Alexandre da Silva***1 Introdução**

Com o interesse de compreender mais amplamente o papel da instituição escolar na Contemporaneidade, este artigo propõe um debate no entorno do papel social da Educação¹ no mundo atual. Para tanto, parte-se do seguinte questionamento: A escola é capaz de transformar/emancipar a sociedade ou se coloca como um instrumento de conservação social?

Buscando respostas para a questão, recorre-se, em particular, a três importantes teóricos dos séculos XIX e XX, os quais se debruçaram, em algum momento, sobre a Educação escolar e suas funções sociais no capitalismo: Émile Durkheim, Louis Althusser e Pierre Bourdieu². É válido sublinhar que apesar das dificuldades em contrapor os pensamentos desses três autores,

1 Recorrendo a Dermeval Saviani, é possível compreender a Educação como atividade própria da natureza humana, que segundo o autor, distingue-se dos outros animais por ter a capacidade de organização do trabalho. Isso lhe permite extrair da natureza a matéria necessária à sua sobrevivência e transformá-la conforme os seus anseios. Neste sentido, o homem “necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais” (SAVIANI, 2005, p. 12). Isto é, ele torna real toda e qualquer ação imaginada mentalmente, num esforço cognitivo necessário à sua sobrevivência. Na concepção do autor, esse processo é denominado Educação, que está diretamente vinculada ao trabalho, seja ele material (necessário à satisfação de necessidades básicas e condições de sobrevivência) ou imaterial (a produção de ideias, conceitos, comportamentos e hábitos, ou seja, a produção de saberes e conhecimentos). É nesta segunda instância que, para Saviani (2005), localiza-se de forma mais concreta a atividade educativa.

2 Émile Durkheim (1858-1917) foi um importante sociólogo e filósofo francês do século XIX, formando com Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920) a chamada tríade dos pensadores clássicos da sociologia. É considerado um dos principais arquitetos da ciência social moderna, tendo formulado as **regras do método sociológico** e fornecido às ciências sociais certa autonomia acadêmica. É comumente classificado como um teórico de inspiração positivista.

Louis Althusser (1918-1990) foi um filósofo marxista franco-argelino de bastante destaque na segunda metade do século XX. Teve grande envergadura teórica ao cunhar o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), concebendo o Estado como um aparelho repressivo que permite à classe burguesa exercer dominação sobre a classe proletária. É considerado um dos principais nomes do estruturalismo francês.

Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um filósofo francês que desenvolveu, em meados do século XX, estudos muito relevantes no campo das ciências sociais, dentre os quais se destaca a sua análise sobre os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, de ordem material e imaterial, a partir do que denomina capital econômico, capital sociocultural e capital simbólico.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

tendo em vista que as suas análises são bastante densas e, em geral, divergentes, busca-se aqui estabelecer diálogo entre eles não apenas em razão da relevância acadêmica e do alcance de suas obras, mas, sobretudo, porque a compreensão de seus pensamentos, em um movimento de contraposição analítica, denota um passo de suma importância no entendimento do papel sócio-político-ideológico da Educação, tanto mais em tempos temerosos como os atuais, cujas instituições educacionais brasileiras (e não só estas) estão sendo constantemente atacadas e ameaçadas pelo comando político do país. Assim, nos próximos parágrafos são feitas algumas considerações, ainda que de modo incipiente, acerca da natureza histórica e social da Educação e do seu papel na sociedade contemporânea a partir do diálogo com os autores já mencionados e do aporte teórico de Cário (1989), Saviani (1982, 2005, 2013), Silva (2018) e Oliveira (2019).

Da natureza e do objetivo da Educação escolar: as concepções de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Antes de discorrer sobre o papel social da Educação, é mister lançar mão de sua natureza e objetivo(s). Recorrendo inicialmente à obra de Émile Durkheim, publicada originalmente em 1922, observa-se que a palavra *educação* normalmente é utilizada pelo autor para fazer referência à escola, ou seja, toma sentido de Educação escolar – fato que converge com os nossos objetivos neste texto. Segundo o autor, que tem como inspiração teórico-metodológica a vertente positivista³, o termo educação é bastante diverso e vasto, sendo, *a priori*, insuficiente

3 O Positivismo surge no século XIX a partir dos estudos do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). Trata-se de uma escola teórica que se baseia, sobretudo, em métodos de comprovação científica para atestar a veracidade dos fatos e validar (ou não) o conhecimento historicamente produzido (BARROS, 2012). Na sociologia, a teoria positivista norteou os trabalhos de Émile Durkheim, que fundamenta a sua perspectiva de análise por intermédio da alegoria comteana de que a sociedade assemelha-se a um organismo vivo, no qual todos os órgãos devem estar saudáveis e em perfeito estado de funcionamento para que a vida coletiva possa acontecer de modo pleno e harmônico. Sob esta ótica, o Estado seria o cérebro da sociedade, uma vez que tem a função de comandar os membros do corpo social a partir da delimitação de suas funções, estímulo, organização e sistematização do trabalho etc.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

defini-lo como “[...] o conjunto das influências que a natureza ou os homens podem exercer sobre a nossa natureza ou vontade.” (DURKHEIM, 2012, p. 43). Em sentido lato, contudo, ele classifica a Educação como algo que “compreende inclusive os efeitos indiretos produzidos no caráter e nas faculdades do homem por coisas cujo objetivo é completamente diferente: leis, formas de governo, artes industriais e mesmo os fatos físicos [...] como o clima, o solo e a posição local.” (DURKHEIM, 2012, p. 43).

Nessa perspectiva, a Educação é posta como um elemento universal, englobando diferentes aspectos da vida humana e justapondo-os entre si. Por esta razão, Durkheim refere-se à atividade educativa como algo reservado aos homens⁴ em sua diversidade. Valendo-se de Immanuel Kant (1724-1804)⁵, que ressalta que o fim último da Educação é desenvolver no indivíduo a sua própria *perfeição*, Durkheim argumenta que essa perfeição nada mais é do que “o desenvolvimento *harmônico* de todas as faculdades humanas” (DURKHEIM, 2012, p.44, grifo meu). Note-se que o termo *harmonia* é utilizado amiúde pelo autor como um elemento exitoso da Educação, posteriormente associado ao progresso social. Sob esta ótica, ressalta que cada sociedade, em dado tempo-espaço, impõe um sistema de ensino a seus indivíduos de forma unilateral e inquestionável:

Não adianta crer que podemos educar nossos filhos como quisermos. Há costumes aos quais somos obrigados a nos conformar, se os transgredimos demais, eles acabam se vingando dos nossos filhos. Uma vez adultos, estes últimos acreditarão não poder viver em meio aos seus contemporâneos, com os quais não estarão em harmonia. [...] Portanto, em qualquer época, existe um tipo regulador de educação do qual não podemos nos distanciar sem nos chocarmos com vigorosas resistências que escondem dissidências frustradas. (DURKHEIM, 2012, p. 47-48).

4 Termo empregado pelo autor para fazer referência à humanidade.

5 Filósofo de origem prussiana amplamente reconhecido como um dos principais filósofos/teóricos da Modernidade, sobretudo por trazer contribuições epistemológicas de grande valia sob a ótica do racionalismo.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

Durkheim aponta que, embora exista uma vasta gama de diversidade na sociedade, seja em termos de aptidões e conhecimentos ou mesmo em relação à profissionalização dos sujeitos, aspecto que requer a especialização pormenorizada do ensino, há, em sua tese, a defesa de uma educação generalista, que englobe o que é necessário à preservação da chamada “harmonia social”. Defende então que cada sociedade, em determinado tempo, busca elaborar um ideal humano que está vinculado aos aspectos, físicos, morais e intelectuais, e isso deve se estender para todos os indivíduos da sociedade. Nas palavras do autor:

É este ideal, único e diverso ao mesmo tempo, que é o polo da educação. Portanto, a função desta última é suscitar na criança: 1º) um certo número de estados físicos e mentais que a sociedade à qual ela pertence exige de todos os seus membros; 2º) certos estados físicos e mentais que o grupo social específico (casta, classe, família, profissão) também considera obrigatório em todos aqueles que o formam. Assim, é o conjunto da sociedade e cada meio social específico que determinam este ideal que a educação realiza. A sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre seus membros; a educação perpetua e fortalece esta homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva. No entanto, por outro lado, qualquer cooperação seria impossível sem uma certa diversidade (DURKHEIM, 2012, p. 52-53).

59

Ou seja, a Educação entra como elemento unificador dos indivíduos na sociedade, apaziguando as diferenças individuais em prol da harmonia coletiva. Sob esta ótica, é possível crer que a escola deve ensinar aos indivíduos somente o necessário aos anseios da sociedade, seja na acepção de classe, da família ou da profissão. Assim, só haverá harmonia social se existir também homogeneidade nos sujeitos que a compõem. Por isso, a Educação se coloca como elemento harmonioso ao imprimir no aluno, desde cedo, a importância de se viver coletivamente em face de um objetivo maior e, mesmo levando em consideração a diversidade sociocultural existente, a escola deve buscar a realização desse fim: “a educação [...] prepara no coração das crianças as condições essenciais de sua própria existência.” (DURKHEIM, 2012, p. 53).

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

Na ótica durkheimiana, a Educação escolar não deve ser concebida individualmente, mas, sim, coletivamente. Sua função é, antes de tudo, adaptar a criança/indivíduo ao meio social em que ela vive, tendo a sociedade o maior interesse e responsabilidade em sua disseminação, devendo, portanto, “lembrar ao professor que ideias e sentimentos ele deve arraigar na criança para que a mesma entre em harmonia com seu meio social.” (DURKHEIM, 2012, p. 62). Além disso, o autor ressalta que:

[...] se quisermos valorizar a existência da sociedade [...], é preciso que a educação estabeleça uma *comunhão de ideias e sentimentos* suficiente entre os cidadãos, *comunhão* sem a qual a sociedade é impossível; e, para que possa reproduzir esse resultado, a educação não pode ficar totalmente à mercê das arbitrárias vontades individuais. (DURKHEIM, 2012, p. 63, grifo meu).

É nessa direção que o Estado assume o caráter de difusor e mantenedor da Educação enquanto instituição social, pois para Durkheim (2012), tudo o que a Educação deve ser depende da ação estatal. Entretanto, na ótica do autor, cabe ao Estado manter a Educação e tornar os cidadãos mais conscientes/conformados de/com o seu papel no âmbito coletivo, difundindo princípios relevantes à sociedade, como o respeito à razão, à ciência e à moral democrática. Neste sentido, o papel do Estado consiste “em identificar estes princípios essenciais, fazer com que eles sejam ensinados nas escolas, garantir que em lugar algum os adultos deixem as crianças ignorá-los e certificar-se de que por toda parte se fale deles com o respeito que lhes é devido.” (DURKHEIM, 2012, p. 64).

Fazendo uma breve aproximação com o contexto brasileiro atual (2019-2020), é possível observar algumas similitudes e também diferenças na ação do governo da situação. Por um lado, tenta-se alcançar o convencimento coletivo através de um forte apelo moral, no qual se busca combater com mão de ferro, por exemplo, as “questões de gênero” e a própria Educação sexual no seio das escolas – vista como imprópria e imoral pelo ideário governista – e, por outro

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

lado, há um notório afastamento da instância científica/acadêmica e, até mesmo, uma negação da razão quando são cortados os investimentos em ciência, tecnologia e educação⁶.

Portanto, na perspectiva durkheimiana, cabe ao Estado regular a atividade educativa – e não só ela mas também as outras esferas sociais – de modo a garantir que a instituição escolar dissemine valores considerados importantes para o convívio coletivo homogêneo (sob esta perspectiva, talvez se encaixe o exemplo brasileiro citado no parágrafo anterior). E, sobretudo, busca-se ensinar o respeito à ordem e o apreço pela moral, elementos com os quais se intenta lograr tanto o progresso econômico quanto a harmonia social.

Numa outra concepção, temos a escola enquanto *Aparelho Ideológico de Estado* (AIE), conceito defendido por Louis Althusser desde a década de 1970. Na visão do autor, os AIE são as instituições que acabam por reproduzir, direta ou indiretamente, o *status quo* capitalista por meio da transmissão da ideologia burguesa e de sua consequente apropriação por parte da classe trabalhadora⁷. A título de ilustração, vale pontuar que um AIE religioso, por exemplo, é representado pelas igrejas; do mesmo modo, um AIE sindical é composto pelos sindicatos e associações trabalhistas ou patronais; um AIE de informação tem como instituições centrais a imprensa, o rádio e a televisão; um AIE cultural abarca as artes, os esportes e a literatura; um AIE escolar ocupa-se das instituições escolares etc. (ALTHUSSER, 1985).

Althusser ressalta que o indivíduo adota determinada postura e/ou age de determinada forma a partir daquilo que está em conformidade com as suas crenças e que é regulamentado

6 Sobre essa questão, ver matéria disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296_718545.html. Acesso em: 03 ago. 2020.

7 Althusser aponta que a atuação dos AIE ocorre, mormente, pelo viés ideológico. Nesta direção, exemplifica que “Um indivíduo crê em Deus, ou no Dever, ou na Justiça, etc. Esta crença provém (para todo mundo, isto é, para todos que vivem na representação ideológica da ideologia, que reduz a ideologia, por definição, às ideias dotadas de existência espiritual) das ideias do dito indivíduo enquanto sujeito possuidor de uma consciência na qual estão as ideias de sua crença. A partir disso, isto é, a partir do dispositivo ‘conceitual’ perfeitamente ideológico assim estabelecido, [...] o comportamento material do dito indivíduo decorre naturalmente” (ALTHUSSER, 1985, p. 90, aspas do autor).

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

pelo AIE escolhido pelo próprio indivíduo, agora sujeito consciente de suas escolhas. Assim sendo,

Se ele crê em Deus, ele vai a Igreja assistir à Missa, ele se ajoelha, reza, se confessa, faz penitência [...] e, naturalmente se arrepende, e continua, etc. Se ele crê no Dever, ele terá comportamentos correspondentes, inscritos nas práticas rituais, ‘segundo os bons costumes’. Se ele crê na Justiça, ele se submeterá sem discussão às regras do Direito, e poderá mesmo protestar quando elas são violadas, assinar petições, tomar parte em uma manifestação, etc. (ALTHUSSER, 1985, p. 90, aspas do autor).

Tal definição permite perceber que a escola assume o papel de AIE não simplesmente por reproduzir em seu ideário o modo dominante de pensar e viver, mas, também, por contribuir, dentro de suas limitações, com a formação do indivíduo para o trabalho (re)produtivista. Neste sentido, Althusser parte de uma indagação importante para lançar luz sobre a função social da escola:

Ora, o que se aprende na escola? É possível chegar-se a um ponto mais ou menos avançado nos estudos, porém de qualquer maneira aprende-se a ler, escrever e contar, ou seja, algumas técnicas, e outras coisas também, inclusive elementos [...] de ‘cultura científica’ ou ‘literária’ diretamente utilizáveis nos diferentes postos da produção (uma instrução para os operários, uma outra para os técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma última para os quadros superiores, etc...). Aprende-se o ‘know-how’. (ALTHUSSER, 1985, p. 57-58, aspas do autor).

Valendo-se do conceito de *know-how*⁸, o autor afirma que a escola, em um primeiro momento, busca qualificar técnica e profissionalmente o indivíduo para que ele saiba executar bem as tarefas pertinentes ao seu posto de trabalho, de acordo com a função assumida na empresa, e, concomitantemente, visa instruí-lo para

[...] as ‘regras’ do bom comportamento, isto é as conveniências que devem ser observadas por todo agente da divisão do trabalho conforme o posto que ele

⁸ Em tradução livre: saber como. Termo bastante empregado no meio empresarial para fazer referência aos saberes técnicos necessários aos trabalhadores para o exercício pleno de suas funções.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

esteja ‘destinado’ a ocupar; as regras de moral e de consciência cívica e profissional, o que na realidade são regras de respeito à divisão social-técnica do trabalho e, em definitivo, regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Aprende-se a ‘falar bem o idioma’, a ‘redigir bem’, o que na verdade significa [...] saber ‘dar ordens’, isto é, (solução ideal) dirigir-se adequadamente aos operários etc... (ALTHUSSER, 1985, p. 58, aspas do autor).

Todavia, vale dizer que à escola não cabe apenas a função de preparar os alunos/indivíduos para os postos de trabalho através de sua qualificação técnica e/ou profissional. Mas, igualmente, produzir um efeito de submissão às normas da ordem vigente, tornando cada aluno um operário que não somente executa e realiza bem as tarefas que a ele são impostas, mas que também aceite passivamente a reprodução da ideologia dominante transmitida pelos “agentes da exploração e repressão” (ALTHUSSER, 1985, p. 58). É sob esta égide que a escola pode assumir o *status* de AIE, já que assegura a transmissão ou transposição da ordem dominante por meio dos conteúdos ensinados e dos valores imbuídos nos educandos, quer seja o respeito à moral vigente, quer seja a submissão às autoridades hegemônicas.

É importante registrar que no Brasil a perspectiva educativa tecnicista criticada por Althusser ganhou bastante força nos anos 1970, durante a ditadura civil-militar (1964-1985), em que foi instituído o ensino técnico/profissionalizante na Educação Básica por intermédio da lei 5.692/71⁹. Sobre esta questão, José W. Germano (2008) assinala que ao importar o modelo educacional estadunidense, o governo ditatorial brasileiro impunha um paradigma de ensino de baixo teor crítico e profundamente alinhado com os interesses capitalistas, diminuindo gradualmente entre os educandos “a capacidade de pensar, pois não havia lugar para a cultura humanística e para a cidadania” (GERMANO, 2008, p. 328).

⁹ A referida lei trouxe alterações estruturais para todos os níveis de ensino no Brasil, sobretudo na Educação Básica. De maneira geral, foram incorporadas as quatro primeiras séries do então ensino secundário – que abarcava as modalidades ginásial e colegial – ao ensino primário – constituindo o *Ensino de Primeiro Grau*. Da mesma forma, a modalidade colegial deu lugar ao chamado *Ensino de Segundo Grau*. Segundo Saviani (1982), a lei 5.692/71 deu à Educação características de ordem meramente tecnicista, subtraindo substancialmente o teor crítico do processo de ensino e aprendizagem.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

Tomando o caso brasileiro como exemplo, é possível traçar um paralelo não apenas com a teoria althusseriana, mas também tecer urdidura com a perspectiva de Émile Durkheim. Neste interesse, o ele entre Althusser (1985) e Durkheim (2012) circunda o fato de que a instituição escolar acaba por inculcar no aluno um estado de passividade diante da sociedade capitalista, constituindo-o enquanto *corpus*. Sobretudo porque tende a unificá-lo em prol da harmonização coletiva e padronizar o seu saber – de caráter técnico, voltado unicamente para o trabalho fabril/corporativo – de modo que ao assumir a condição de proletário, esse indivíduo busque, por meio de seu trabalho, o progresso econômico-social de sua nação, de sua *pátria*. Para ambos os autores, essa função cabe majoritariamente ao Estado (liberal), que atua como agente regulador da Educação.

Recorrendo, neste momento, a uma terceira concepção, a de Pierre Bourdieu, tem-se que o sistema escolar cumpre, em geral, um papel de reprodução sociocultural dentro da estrutura societária vigente. Segundo o autor, a escola colabora, em conjunto com outras instituições (a família, por exemplo), para uma transmissão passiva do patrimônio cultural acumulado historicamente, visto como propriedade indissociável na sociedade classista. Neste sentido, Bourdieu atesta que

a estatística de frequência ao teatro, ao concerto e sobretudo ao museu [...] basta para lembrar que o legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores, pertence *realmente* [...] aos que detêm os meios para dele se apropriarem, quer dizer, que os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais [...] por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los. Em suma, o livre jogo das leis de transmissão cultural faz com que o capital cultural retorne às mãos do capital cultural e, com isso, encontra-se reproduzida a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes sociais [...]. (BOURDIEU, 2007, p. 297, grifo do autor).

Vale lembrar que tanto Bourdieu quanto Althusser classificam a instituição escolar como reprodutora da ideologia dominante. Neste aspecto, os dois autores apontam que os conteúdos ensinados/transmitidos na escola restringem-se à manutenção da lógica do capitalismo, consolidando a exclusão dos alunos que, por determinações históricas, não detêm

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu*Fábio Alexandre da Silva*

o capital cultural necessário para a sua permanência no meio escolar¹⁰. Destarte, o conhecimento culturalmente acumulado mantém-se numa redoma, hermético e protegido “contra” a disseminação social.

Retomando Bourdieu (2007), é possível afirmar que só os sujeitos que têm/tiveram acesso aos bens culturais (teatro, museus) poderão seguir reproduzindo-os historicamente, tal qual numa dinastia, cujo poder é transmitido, impreterivelmente, de pai para filho; os que não dispõem de capital cultural são normalmente objeto de exclusão social. Para o autor, no capitalismo esse ciclo não pode ser desfeito nem mesmo pela escola, pois um aluno que não detém, por exemplo, um saber mínimo para compreender a história da arte, normalmente não será capaz de apreender esse conhecimento em seu percurso escolar. Ou seja, se o indivíduo recebe de sua família uma iniciação prévia em Arte, qual seja, o seu nível de assimilação do conhecimento artístico escolar tenderá a ser maior que o daqueles que não dispuseram desse cabedal preliminar (BOURDIEU, 2007). Seguindo essa lógica, o filho do médico possivelmente também será médico, o do advogado certamente seguirá a mesma carreira do pai, enquanto que o do operário deverá ser operário, reproduzindo o capital cultural adquirido por suas famílias no tempo. Os sujeitos que interrompem esse ciclo social não fazem parte da regra; constituem uma mera exceção.

Diante de tal exposição, tem-se que a Educação escolar não é capaz de romper esse ciclo de reprodução cultural, convertendo-se também em instrumento de reprodução social. Na visão bourdieuana, a escola “reproduz tanto melhor a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes [...] quando a cultura dominante e quando o modo de inculcação a que recorre está menos distante do modo de inculcação familiar” (BOURDIEU, 2007, p. 306). Por sua vez, em termos de capital cultural, essas diferenças sociais levam “[...] a maioria das crianças das classes

10 Para Bourdieu (1989), tanto o capital cultural quanto o capital simbólico – instrumentos de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra – são “sensibilizadores dos valores e crenças dos indivíduos: valores não condizentes com o que é dominante tendem a ativar processos de exclusão contra quem os têm” (OLIVEIRA, 2019, p. 540), contribuindo, em maior ou menor grau, para a reprodução da estrutura dominante e permanência das desigualdades socioculturais e econômicas.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

[...] mais desfavorecidas culturalmente à auto-eliminação, como por exemplo a depreciação de si mesmo, a desvalorização da escola e de suas sanções ou a resignação ao fracasso e à exclusão [...]” (BOURDIEU, 2007, p. 310). Ademais,

Ao apresentar as hierarquias sociais e a reprodução destas hierarquias como se estivessem baseadas na hierarquia de ‘dons’, méritos ou competências que suas sanções estabelecem e consagram, ou melhor, ao converter hierarquias sociais em hierarquias escolares, o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da ‘ordem social’ uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2007, p. 311, aspas do autor).

Nesse sentido, o sistema escolar cumpre, de fato, a função de reprodutor da estrutura hierárquica imposta historicamente na sociedade, de modo a legitimar a ordem de classes vigente, na medida em que conduz, mesmo que indiretamente, uma criança/aluno ao fracasso e à própria exclusão dos bancos escolares simplesmente por não ser detentora do capital necessário à assimilação dos saberes/conteúdos ensinados na escola. Da mesma forma, tende a consolidar o saber do estudante que detém, previamente, o capital cultural necessário para a sua iniciação e manutenção no percurso escolar.

Para além desse aspecto, é imprescindível considerar que há também a imposição de um poder simbólico, resultante do capital cultural que se naturaliza no cotidiano social e reforça a estrutura de classes e o *status quo* burguês. Isso faz com que haja um mascaramento das violências (físicas e simbólicas) que decorrem da estrutura capitalista, as quais “além de estruturar a sociedade em classes, ainda inibem a ascensão dos agentes na hierarquia social. Desta forma, a posição social dos agentes representa o poder de apropriação dos recursos sociais e urbanos estabelecendo relações assimétricas entre os grupos” (OLIVEIRA, 2019, p. 540). Não à toa, Saviani aponta que no âmbito educacional a estrutura de classes produz o efeito de “aprimorar a educação das elites e esvaziar ainda mais a educação das massas. Isto porque,

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu
Fábio Alexandre da Silva

realizando-se em algumas poucas escolas, exatamente aquelas frequentadas pelas elites, contribuíram para o seu aprimoramento.” (SAVIANI, 2013, p. 231).

Convergindo, nesse ponto, com a concepção de Bourdieu (2007), Saviani (2013) assevera que a educação escolar (brasileira, aqui), centrada historicamente na perspectiva liberal/positivista, tende a desconsiderar as questões de ordem histórico-social, justamente por se voltar, sobretudo, para um sistema de aprendizagem individual e não social/coletiva. Assim, a escola não ensina, em linhas gerais, “práticas democráticas em seu interior, pois para que a democracia ocorra, é necessário que haja condições de igualdade entre os alunos já no ponto de partida e não ao fim do processo educativo.” (SILVA, 2018, p. 24). Nas palavras de Saviani (2013, p. 236), a escola acaba, então, “por desnaturar o próprio sentido do projeto pedagógico. Isto porque se as condições de igualdade estão dadas desde o início, então já não se põe a questão de sua realização no ponto de chegada. Com isto o processo educativo fica sem sentido”.

Recobrando, então, o nosso debate central, pode-se inferir que há, tanto em Althusser (1985) quanto em Bourdieu (2007), aproximações importantes, principalmente quando ambos pensam o sistema escolar como reprodutor das desigualdades e mazelas historicamente produzidas. Para o primeiro autor, a escola visa formar o indivíduo para o trabalho capitalista, qualificando-o única e exclusivamente para tal fim. Para o segundo, à escola cabe o papel social de instituição que reproduz histórica, cultural e ideologicamente a estrutura dominante. Neste interesse, afirma que “os indivíduos são apenas as vítimas menos perdoáveis pelo *efeito ideológico* que a escola produz ao desvincular as disposições a seu respeito [...] de suas condições sociais de produção” (BOURDIEU, 2007, p. 310, grifo meu). Aspecto que pudemos observar também em Émile Durkheim (2012), sobretudo no que diz respeito ao processo educativo de harmonização e homogeneização social, sinalizando que desde cedo se ensina/aprende na escola um ideal de unidade e padronização coletiva “suficiente entre seus membros; [de modo que] a educação perpetua e fortalece esta homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva”

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

(DURKHEIM, 2012, p. 52-53). Portanto, na síntese das três concepções, a escola não só não emancipa a sociedade como ainda contribui para a manutenção do estado atual das coisas, colocando-se a serviço de um Estado notadamente burguês e servindo aos interesses das elites.

Considerações Finais

Ciente das dificuldades que pululam em torno da tentativa de dialogar com três autores de tamanha envergadura teórica, como é o caso de Durkheim, Althusser e Bourdieu, nos limites deste artigo procurou-se refletir, ainda que embrionariamente, sobre o alcance/limitação social da Educação escolar na conjuntura capitalista.

No esforço de aproximar/contrapor as perspectivas teóricas em questão, pôde-se notar ao menos um aspecto de convergência em relação à função primeira da instituição escolar: no que tange a seu papel enquanto reprodutora do *status quo* dominante. De acordo com Louis Althusser, a escola configura-se como um AIE ao transmitir, em sala de aula, a ideologia burguesa e permitir a sua apreensão pela classe operária, por meio de sua qualificação profissional e pela proposta de ensino acrítico e superficial. Além disso, auxilia no processo de resignação dos alunos/indivíduos frente às injustiças e estigmas histórico-sociais produzidos pela humanidade. Sob uma ótica semelhante, Pierre Bourdieu aponta o sistema escolar como mantenedor do ideário capitalista, propagando não só desigualdades econômicas mas também socioculturais, uma vez que reproduz a estrutura societária vigente, não sendo capaz de romper o ciclo de transmissão de capital cultural e poder simbólico entre as classes.

Qualificando o debate, Émile Durkheim nos diz, no limiar do século XX, que à escola cabe auxiliar o Estado – em sua forma liberal – na busca pelo progresso econômico, formando os seus alunos moralmente e inculcando em seu imaginário um caráter de passividade em prol da homogeneidade e harmonia social. Neste caso, a escola assume o papel de assistir o Estado, seu agente regulador, no processo de unificação da sociedade, visando à ordem e ao bem comum.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

A partir desse diálogo, é possível considerar que a Educação escolar tem, antes de tudo, a função de conservar o arcabouço social contemporâneo, na medida em que o seu formato de ensino-aprendizagem implica a permanência de uma sociedade hierarquizada, em que o ideário burguês é predominante. Neste propósito, para as classes hegemônicas é fundamental que o indivíduo não só se aproprie dos saberes técnico-operacionais, como também das normas de comportamento e da ideologia dominante ensinados/transmitidos na escola – elementos que sustentam o baluarte do capitalismo.

A despeito disso, não significa dizer que não existe importância histórico-social no processo educativo. Pelo contrário. Mesmo se configurando como instrumento da classe burguesa para a conservação social, a instituição escolar pode auxiliar, em maior ou menor grau, no processo de conscientização dos indivíduos em face da emancipação da sociedade, a depender de sua capacidade de afetar, de alguma forma, os alunos¹¹. Como nos lembra Paulo Freire (1996), a Educação, enquanto instância libertadora, oferece a possibilidade de formar sujeitos capazes de compreender e apreender a realidade à qual pertencem. Sob esta batuta ela pode transformar vidas, embora seja válido reiterar que no sistema capitalista esta não é a regra, mas, sim, a exceção, tal como demonstram as obras de Bourdieu, Althusser e Durkheim.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

¹¹ No Brasil, particularmente entre 2003 e 2015, é possível observar avanços sociais relevantes intermediados pela Educação, tanto em nível escolar quanto universitário. Mesmo com a manutenção de um Estado de viés capitalista, houve no período uma maior capacidade de mobilidade e de inclusão social, sobretudo através de programas sociais como o PROUNI (Programa Universidade para Todos), o SISU (Sistema de Seleção Unificada) e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), assim como pelo desenvolvimento de uma legislação educacional mais abrangente, a exemplo das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que preconizam a obrigatoriedade do *ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena* no currículo oficial. Para consultar as referidas leis, acesse, respectivamente, os seguintes endereços: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm e http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

BARROS, José D'Assunção. O que é uma “escola” na historiografia? – um paralelo com a Filosofia. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 13, n. 18, p. 98-115, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2012v13n18p98/4188>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, ano 182, 09 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, [...] para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, ano 187, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 03 ago. 2020.

CÁRIO, Sílvio Antonio Ferraz. A natureza do último pensamento de Poulantzas acerca do estado capitalista. **Revista Textos de Economia, Florianópolis**, v. 3, n. 1, p. 35-50, 1989. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/6703/6270>. Acesso em: 31 jul. 2020.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERMANO, José Willington. O discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 313-332, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a03v2876.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

OLIVEIRA, Grazielle Rodrigues de. A violência urbana nas narrativas de telejornais e a construção do inimigo. **Revista Rua**, Campinas, vol. 25, n. 2, p. 535-549, nov. 2019. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/web/index.php?r=artigo/capa&publicacao_id=237. Acesso em: 03 ago. 2020.

A escola transforma a sociedade? uma leitura a partir de Durkheim, Althusser e Bourdieu

Fábio Alexandre da Silva

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, dez. 2013.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. Cap. 1, p. 11-22.

SILVA, Fábio Alexandre da. A escola e a lógica do capital: formação de mão de obra qualificada e mercantilização da educação. **Iniciação e Formação Docente**, v. 5, n. 2, p. 15-26, 2018. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagedeles/article/view/3259>. Acesso em: 03 ago. 2020.